

“Na sua escrita eu sou existida”: Lendo a História da Antropologia via *Textures of the ordinary*¹

Bhriqupati Singh²

Resumo: Neste ensaio, tento sugerir uma forma não teleológica de ler a história da antropologia, situando o livro de Veena Das *Textures of the Ordinary*, de 2020, em relação a suas obras anteriores, começando por *Structure and cognition: aspects of Hindu caste and ritual*, de 1977. Em vez de um movimento teleológico do estruturalismo ao “pós-estruturalismo” ou a um trabalho “autorreflexivo”, aponto para a continuidade e transfiguração dos conceitos de estrutura e evento nos diferentes livros de Das, como forma de também imaginar movimentos no interior da teoria social mais ampla, sem que cada sucessivo “paradigma” tenha que negar dialeticamente seu antecessor. Pergunto, ainda, o que significa envelhecer ou

¹ Publicado pela primeira vez, no original em inglês, em *Sociologia & Antropologia*, v. 11, n. 3, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais PPGSA Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, setembro-dezembro, 2021, pp. 1079-1088. Traduzido ao português por Ana Paula Rodgers.

² Professor Associado de Sociologia e Antropologia na Universidade de Ashoka, Sonipat, Haryana, Índia; Professor Visitante Associado de Psiquiatria no Carney Institute, na Brown University (EUA). Email: bhrigupati.singh@ashoka.edu.in, OrcID: <<https://orcid.org/0000-0002-8877-3563>>. Seu primeiro livro, *Poverty and the Quest for Life: Spiritual and Material Striving in Rural India* (University of Chicago Press, 2015) foi premiado pelo American Institute of Indian Studies and the American Academy of Religion. Ele é coeditor de *The Ground Between: Anthropological Engagements with Philosophy* (Duke University Press, 2014) e da série *Thinking from Elsewhere* (Fordham University Press). Atualmente, trabalha em um projeto sobre saúde e doença mental na Índia, com pesquisa de campo baseada no Departamento de Psiquiatria do All India Institute of Medical Sciences (AIIMS Delhi), com artigos recentes desse projeto publicados em *Medical Anthropology Quarterly* e *Philosophy, Psychiatry, Psychology*.

“amadurecer” no interior de um corpo de trabalho acadêmico, e como podemos considerar que um autor está envelhecendo e rejuvenescendo ao mesmo tempo, se considerarmos que envelhecer no pensamento não é necessariamente apenas uma questão de cronologia ou teleologia.

Palavras-chave: História da antropologia; Veena Das; Tragédia e comédia; Cavell; Estrutura e evento.

“IN YOUR WRITING I AM EXISTED”: READING THE HISTORY OF ANTHROPOLOGY VIA *TEXTURES OF THE ORDINARY*

Abstract: In this essay I try to suggest a non-teleological way of reading the history of anthropology, by placing Veena Das’s *Textures of the Ordinary* (2020) in relation to her previous books, beginning with *Structure and cognition: aspects of Hindu caste and ritual* (1977). Rather than a teleological movement from structuralism to “post-structuralism” or “self-reflexive” work, I point to the continuation and transfiguration of the concepts of structure and event across Das’s different books, as a way of also imagining movements within social theory more broadly, without each successive “paradigm” having to dialectically negate its predecessor. Further, I ask what it means to age or to “mature” within a body of scholarly work, and how we might take an author to be growing simultaneously older and younger, if we take aging in thought not necessarily to be solely a question of chronology or teleology.

Keywords: History of anthropology; Veena Das; Tragedy and comedy; Cavell; Structure and event.

Ao pensar sobre o sentido de lar que se pode encontrar no trabalho dos outros, sou muito grato por essa oportunidade³ de discutir *Textures*

³ Este ensaio foi inicialmente apresentado como parte de um painel em torno do livro *Textures of the Ordinary* organizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Roma La Sapienza. Sou grato a Piergiorgio Donatelli e Sandra Laugier por organizarem este fórum e por vários anos de conversa e inspiração, tanto mais necessários nesses anos de pandemia. Sou grato a Leticia Ferreira e Adriana Vianna por me convidarem a compartilhar esses pensamentos como parte do Número Especial de *Sociologia & Antropologia* honrando o trabalho de Veena Das

*of the Ordinary*⁴, que recebo com grande senso de familiaridade, mas também de emocionante distanciamento. Para sinalizar esse sentimento misto de familiaridade e distanciamento, faço uma pausa na dedicatória com a qual o livro começa: "Para Stanley Cavell. Em sua escrita, eu sou existida". Que formulação estranhamente cativante e incomum: *Eu sou existida*. O que isso quer dizer? Não poderia ter formulado "em sua escrita eu sou nascida", uma vez que cada um de nós tem, em geral, múltiplas fontes de nascimento e autoctonia. E, ainda, "eu sou existida" sinaliza não apenas o nascimento, mas também o amadurecimento e a educação continuada, ou, para colocá-lo de modo mais urgente, uma luta contra a não vida. Então, a dedicatória poderia ser "em seus escritos eu encontrei fôlego e amadurecimento".

Talvez eu pudesse dizer algo semelhante a Veena? Mesmo assim, isso é parte da atração que ela exerce como professora, com suas transações não unidirecionais entre gerações. Parte do meu entusiasmo ao ler pela primeira vez o *Texturas* deriva do fato de ver minhas próprias palavras e conceitos aparecerem tão recorrentemente nesse livro. Mas isso soa um pouco narcisista, então deixe-me colocar a questão de como o pensamento se move de um para o outro e depois adiante, mais impessoalmente.

No prefácio ao *Textures*, Veena descreve o processo de composição desse livro, construído a partir de ensaios que apareceram ao longo das duas últimas décadas, exprimindo "um processo de me permitir ser educada, por assim dizer, em público".⁵ Isso soa promissor, mas façamos mais uma pergunta. Em que estado estávamos antes dessa educação e onde nos encontramos depois dela? Eu coloco essa pergunta ao lado da primeira linha do famoso ensaio de Kant, "O que é o Iluminismo? Iluminismo é a libertação do homem da sua imaturidade autoimposta".⁶ *Unmundigkeit*, a palavra usada por Kant para descrever o estado de imaturidade do

⁴ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. xi.

⁵ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 5.

⁶ KANT, Immanuel. *Towards perpetual peace and other writings on politics, peace and history*. Transcription David Colclasure. New Haven: Yale University Press, 2006, p. 16.

qual o ser humano busca ou deve buscar se livrar, traduz-se tanto como “tutelagem” quanto como “minoría”. Existem outras ideias de educação continuada a que possamos chegar, em vez de uma passagem linear para a idade adulta?

Encontremos ou não nosso Wittgenstein ou nosso Walden, cedo ou tarde na vida, o fato é que, entre as principais lições de *Textures*, está aquela de uma educação continuada, ou seja, estar aberto à possibilidade de ser ensinado, mesmo na idade adulta, e que a tutela não é apenas recepção. É também uma arte de se reescrever, ainda que retendo traços, ou mais que apenas traços, de nossos eus anteriores. Ou, por outras palavras, mesmo com os ensaios que li e ensinei por tanto tempo em prévias encarnações, como “Wittgenstein e a Antropologia”, primeiro publicado na *Annual Review of Anthropology*, em 1998, e que é, como aponta Veena, a *bija sutra*, ou semente desse livro, mesmo com esses ensaios previamente familiares, as reescritas e adições específicas são tão ou mais surpreendentes do que seus ensaios inéditos.

Discorrerei mais sobre o significado dessas reescritas adiante, mas deixe-me primeiro sugerir um pensamento norteador sobre essa questão da educação dos adultos, no dizer de Cavell. A proposição kantiana nos convida a amadurecer. Em contraste, podemos dizer que envelhecer bem talvez seja amadurecer e rejuvenescer ao mesmo tempo. Por estranho que possa parecer, ofereço isso como minha proposta básica para meus comentários hoje. Quando leio *Textures*, a autora me parece ser, ao mesmo tempo, mais velha e mais jovem do que seus livros precedentes. Então, deixe-me dizer mais sobre cada ponta desse movimento, ficando mais velho e mais jovem, começando com o primeiro arco. Esses movimentos não são inteiramente distintos, mas, por motivos de clareza, eu proponho duas maneiras de entender esse movimento bipolar: primeiro, em relação a conceitos; segundo, em relação a humores ou à gama de humores e sentimentos que um pensador pode acolher.

Em termos de conceitos, como *Textures* se relaciona com os livros anteriores de Veena? Mais imediatamente, como o conceito de texturas do ordinário se relaciona ou difere da ideia de uma descida ao ordinário? Uma resposta possível seria ler esses livros em ordem crescente de imanência, com as texturas inteiramente liberadas de qualquer estrutura transcendente, evento ou nação. Mas isso é ainda teleológico demais para

o meu gosto, então, em vez de *Vida e palavras* ou *Affliction*, começamos mais cedo, com o primeiro livro de Veena: *Structure and cognition: aspects of Hindu caste and ritual*, publicado em 1977. Devo dizer que as ideias que proponho hoje derivam de duas ocasiões anteriores, quando fui convidado a comentar formalmente o trabalho de Veena. A primeira ocasião foi quando, em uma inversão da ordem habitual de transações entre gerações, Veena me convidou a escrever o prefácio para a nova edição de *Critical Events*.⁷ Uma ocasião anterior foi um ensaio que escrevi, intitulado “Conceptual Vita”,⁸ para uma edição comemorativa, cujo subtítulo foi formulado de uma forma reconhecidamente Cavell-Wittgensteiniana, como “cenar de herança” em relação ao trabalho de Veena.

Meu ponto de entrada nessa questão da herança foi perguntar como se pode narrar uma vida acadêmica através dos textos. Em “Conceptual Vita”, eu analisei três livros, escritos ao longo de três décadas diferentes: *Structure and Cognition* (1977), *Critical Events* (1995) e *Vida e palavras* (2007).⁹ Em uma primeira leitura, o movimento ao longo desses três livros pareceu exprimir um telos reconhecível através do qual a história da antropologia é frequentemente narrada. Por exemplo, *Structure and Cognition* é escrito à luz de “os escritos clássicos de Lévi-Strauss”.¹⁰ Ele analisa um conjunto de Puranas em sânscrito para entender a ordem social hindu através da “extração de princípios subjacentes à ordem conceitual pretendida por esses mitos”.¹¹ Em um contraste aparentemente acentuado, está o livro dos eventos de meados de 1990, *Critical Events*, que trata de certos eventos históricos dignos de nota – as consequências do desastre

⁷ DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1998 [1995].

⁸ SINGH, Bhriugupati. “Conceptual Vita” In: CHATTERJI, Roma (ed.). *Wording the World: Veena Das and Scenes of Inheritance*. New York: Fordham University Press: 2015a.

⁹ DAS, Veena. *Structure and Cognition: Aspects of Hindu Caste and Ritual*. New Delhi: Oxford University Press, 1995 [1977]; *Idem, Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007 [a autora sugere a tradução brasileira: *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020].

¹⁰ DAS, Veena. *Structure and Cognition: Aspects of Hindu Caste and Ritual*. New Delhi: Oxford University Press, 1995 [1977], p. 4.

¹¹ *Ibidem*.

industrial em Bhopal, a militância Sikh e o sati (ou morte por imolação) de Roop Kanvar. Como argumenta a autora, o objetivo analítico de *Critical Events* é o de engajar “emoções vivas”, tais como dor, em vez de “sistemas de pensamento abstratos”.¹² Nesse sentido, podemos afirmar que *Vida e palavras* (publicado em 2007) intensifica esse impulso ainda mais, com as vozes de certas interlocutoras assustadoramente gravadas, tais como Asha e Manjit, com quem aprendemos maneiras de habitar a cisão entre a Índia e o Paquistão, em 1947, e a violência de 1984 contra os Sikhs.

Em termos de uma educação continuada, se é para ser recebida como contínua, podemos perguntar: é possível uma conversa entre essas gerações e regenerações no escopo de um eu (ou eus) antropológico, caso esses movimentos não sejam lidos como totalmente auto negativos, quer dizer, movimentos a partir dos quais uma próxima geração e um próximo eu deve dialeticamente negar o seu predecessor, como com a história familiar que nos foi contada, agora felizmente menos amplamente narrada, de um movimento teleológico que leva do estruturalismo ao assim chamado “pós-estruturalismo”, o que quer que isso signifique, ou ainda pior, uma descrição do pensamento antropológico como passando de um passado supostamente pré-reflexivo para um presente mais autorreflexivo e “interpretativamente” guiado? Há outras formas de entender maturidade?

Em vez de ler os três primeiros livros de Veena em oposição um ao outro, em “Conceptual Vita” eu sugiro que os conceitos gêmeos de estrutura e evento ajudam a criar um mapa diferente, não teleológico de continuidades, transfigurações e diferenças. *Structure and Cognition*, por exemplo, argumenta contra os dois princípios organizadores mais conhecidos do hinduísmo e de estudos sul-asiáticos à época: a oposição de Louis Dumont de puro e impuro e a distinção de M. N. Sriniva de hinduísmo sanscrítico *versus* hinduísmo de baixa casta. No lugar disso, Veena oferece diferentes coordenadas oposicionais, de ritual e mito como navegando uma zona entre vida e morte, com formas de liminaridade que potencialmente ameaçam e renovam a ordem social e cósmica.¹³ Se

¹² DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1998 [1995], p. 8.

¹³ DAS, Veena. *Structure and Cognition: Aspects of Hindu Caste and Ritual*. New Delhi: Oxford University Press, 1995 [1977].

tomarmos essas coordenadas estruturais como virtuais, em um sentido bergsonianos, então poderemos ver essas virtualidades reaparecerem um ou dois livros depois. Por exemplo, a habitação da zona entre vida e morte é uma questão central de *Vida e palavras*, como acontece com Shanti, que tragicamente tira sua própria vida, incapaz de viver com a perda de seu marido e filhos, mortos nas rebeliões de 1984. Algum tempo antes de seu suicídio, "Shanti muitas vezes se levantava no meio da noite e vagava até o parque em frente à casa deles, onde ela recolhia galhos e os transformava em pequenas pilhas, que ela começava a queimar. Ela não podia explicar o que estava fazendo, mas alguns vizinhos acreditavam que ela estava tentando cremar os corpos dos mortos".¹⁴

De modo ressonante, enquanto os eventos de *Critical Events* são alguns dos mais dignos de nota da década precedente (como afirma o subtítulo, o livro é: *Uma perspectiva antropológica sobre a Índia contemporânea*), a ideia de contemporâneo não é diretamente "histórica" ou tempestiva. Antes, os variados eventos do livro, como a tragédia de Bhopal Gas, Sati, a militância sikh e questões de "fundação" da violência nacional, são entendidos através de uma transfiguração dos conceitos de morte sacrificial e teodiceia, ou de como se entende a distribuição do sofrimento. Com isso, não pretendo apontar uma continuidade ininterrupta entre os livros, já que as transfigurações são importantes. Por exemplo, podemos ver uma mudança significativa no conceito de evento, à medida que nos afastamos de *Critical Events* com sua concepção de evento, como "momentos em que novos modos de ação surgiram".¹⁵

Em contraste, *Vida e palavras* estabelece uma concepção significativamente revisada de evento, a ser lembrada por muitos de nós, com questões do tipo: quando um evento é suposto começar e terminar; a relação entre evento e cotidiano, e mais, os modos através dos quais o ceticismo e a voz, e a "eventu[ali]-dade [evented-ness] do cotidiano" apareceram como conceitos vivos em *Vida e palavras*. No âmbito dessas formas de novidade, como indiquei, é ainda possível ler as preocupações

¹⁴ DAS, Veena, *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007, p. 142.

¹⁵ DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1998 [1995], p. 12.

de *Structure and Cognition*, caso não tomemos os livros como dados apenas por seu ano de publicação, ou a maturidade como uma ascensão linear, mesmo que possamos reconhecer achados e inovações.

Nessa trajetória, se eu fosse estender ainda mais o “Conceptual Vita”, poderíamos afirmar que *Affliction* (publicado em 2014)¹⁶ alarga esse arco. A estrutura que o anima é, de certo modo, aquela da experiência de estar doente no contexto da pobreza urbana, e o conceito de evento vai ainda mais longe nos recantos e fendas do ordinário, com o que Veena chama de “quase-evento”, ou os aspectos da vida e da não vida que começamos a ver, por exemplo, com o capítulo de abertura de *Affliction*, intitulado “como o corpo fala” e a intensificação da questão do que pode ser event[u]alidade, à medida que vemos o quanto acontece, mesmo quando aparentemente “nada” acontece. Até aí, tudo bem. Eu estava satisfeito em ter chegado a uma arquitetura conceitual com a qual esse corpo de pensamento pode ser recebido não teleologicamente.

Mas, a partir daí, *Textures of the Ordinary* parece interromper essa arquitetura dinâmica de estrutura e evento. Ou não? Quero deixar isso como um quebra-cabeças para mais discussões, de que tipo de transfiguração esse livro pode ser de seu passado. Seria *Textures* uma intensificação suplementar da “descida” ao ordinário ou uma ruptura? De novo: ao invés de uma oposição entre a transcendência implícita e a não transcendência da “descida”, contra a imanência mais pura de “texturas”, eu sugiro que talvez um ponto crucial de continuidade e transfiguração seja o que significa ir “além”, não como transcendência, mas ainda na forma de uma metafísica, entendida como a junção de fios com aquilo que excede o que é imediatamente visível.

Como essa margem adicional é alcançada através dos fios de *Textures*? Isso pode tomar uma variedade de formas, por exemplo, com vozes estranhas de quase-morte de parentes ou de pessoas íntimas que pensávamos conhecer. Entre outras, uma descoberta desse livro que continua as conversas que esse grupo teve, conduzidas por Sandra Laugier e Andrew Brandel entre outros, é a significação metodológica e metafísica dos detalhes, como na citação: “Sustento que o impulso etnográfico de

¹⁶ *Idem, Affliction: Health, Disease, Poverty*. New York: Fordham University Press, 2015.

trazer a textura do ordinário depende de uma atenção mais fina ao detalhe. Mas quanto detalhe e que tipo de detalhe?".¹⁷

Alguns capítulos depois, Veena sugere que, mais do que o canônico ensaio antropológico de Renato Rosaldo sobre o luto e a raiva do caçador de cabeças, escrito após a morte prematura de Shelley, sua esposa, durante o trabalho de campo, seus poemas publicados quase duas décadas após a sua morte, em 1981, "vão além, muito além, ao explicar as relações entre biografia e etnografia"¹⁸. Qual é o significado da palavra "além", aqui? Considerem o segundo aspecto de *unmundigkeit* de Kant, que supostamente deveríamos superar, não como tutela, mas como "minoría" ou o menor. Eis como Veena sugere que Rosaldo vai além: "correntes menores de histórias, encontros acidentais no campo, palavras escapadas que desarranjam o contexto, são precisamente o que faz a textura do ordinário no presente livro. O gênio de Rosaldo reside no fato de que ele absorve esses elementos como parte do meio, mesmo quando eles estavam ausentes da etnografia inicial"¹⁹.

Digamos que uma forma de envelhecimento e maturidade evidente em *Textures* é a temporalidade do retorno, como um modo de reescrever o eu e o senso que se tem de outros, como com a reescrita do capítulo sobre Swapan em *Affliction*, para chegar a um pensamento surpreendentemente diferente, contra Foucault. Até agora, eu tratei sobre as formas que a maturidade pode tomar, sem a negação de um eu mais jovem. Mas, como vocês devem se lembrar, eu abri este artigo com uma proposição bipartite: o autor se torna mais velho e mais novo ao mesmo tempo. Então, encaminhando-me para a conclusão, aponto três maneiras nas quais esse livro também expressa formas de juventude.

Embora os sinais da juventude possam ser muitos e variados, uma de suas características é a combatividade, o espírito agonístico. Como mencionei, *Structure and Cognition* começa à maneira que uma jovem poderia anunciar-se, por uma contestação de dois notáveis acadêmicos

¹⁷ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 2.

¹⁸ *Ibidem*, p 202.

¹⁹ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 212.

globais, Dumont e Srinivas. Tais disputas não se dão por prestígio, mas pelo aguçamento do que poderiam ser discordâncias críticas. Uma dessas discordâncias críticas em *Textures* é com Foucault. Uma das descobertas das aulas de Foucault em *O poder psiquiátrico*, nas quais, como se sabe, ele reescreve sua própria diferença e distância de *Loucura e civilização*, é a ideia de loucura não apenas como uma formação discursiva, mas como o que Foucault chamou memoravelmente de “embate de vontades”. Nesse campo de batalha, como Veena aponta em *Textures*, na microfísica foucaultiana do poder, a família aparece simplesmente como um ponto de articulação ou um nó através do qual os indivíduos são introjetados, como coloca Foucault, nos circuitos do poder disciplinar. Em contraste, podemos afirmar que, em continuidade aos livros anteriores e a preocupações antropológicas mais amplas, *Textures* nos aponta uma metafísica muito mais rica do poder, em que as linhas de batalha e cuidado no âmbito do parentesco, da intimidade e do doméstico podem ser imprevisivelmente desenhadas e redesenhadas, em um aspecto ou limiar de vida que permaneceria invisível com Foucault.

Por si mesma, a discordância não é necessariamente um sinal de juventude. O que eu gostaria de enfatizar é o modo pelo qual a crítica pode ser expressa e endereçada, às vezes a todo mundo, às vezes a ninguém. Por exemplo, no décimo capítulo de *Textures*, intitulado “Concepts Crisscrossing [Entrecruzamento de conceitos]”, Veena discute sua preocupação constante com o tema do sacrifício. Eis como ela exprime o problema: “Eu fui suficientemente ousada em 1980, quando concluí minha conferência Henry Myers dizendo que ‘o sacrifício védico pode ser visto como constituindo uma alternativa global à ideia cristã de sacrifício (...)’ Claro, minha reivindicação foi ignorada, mas ela nunca foi extinta para mim”.²⁰

Pode-se imaginar um modo masculino “maduro” de sinalizar esse tipo de afirmação ignorada, o que a tornaria ainda mais desagradável. Em vez disso, Veena nos atrai de volta ao seu argumento, abordando-o não como uma crítica ao eurocentrismo, que em parte é, mas – e é assim que esse capítulo de *Textures* termina – oferecendo uma crítica em forma

²⁰ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 285.

de "uma expressão de *gila* (uma palavra hindi urdu) – uma reprimenda amorosa – aos meus interlocutores em antropologia".²¹

Uma última expressão de juventude ou de *status* minoritário, na qual espero ter desempenhado um pequeno papel! Para arriscar uma diferença contestável, podemos afirmar que Veena é corretamente, se não explicitamente, conhecida como uma profunda escritora de tragédias. Em *Textures*, talvez pela primeira vez, outros humores e gêneros aparecem. Eu hesito em tratar o oposto da tragédia como comédia, mas considerem um personagem como Prem Singh (no capítulo 2, "A Politics of the Ordinary" [Uma Política do Ordinário]), que escreve uma carta para George Bush como o líder do mundo – e a endereça para a "Casa Branca, Washington" – sobre seus vizinhos espalhando lixo nas ruas, juntamente com avisos gerados por computador nas paredes do bairro, com textos como "Cães na forma de humanos, sobre seus latidos, não há tempo específico, nem qualquer limite".²² Molière ou Tchekov reconheceriam tal personagem como seu.

Uma mudança de humor não tem a ver apenas com personagens menores. A semente ou o *bija sutra* também alterou ligeiramente. Fiquei encantado ao notar uma aparentemente pequena adição ao capítulo de abertura, "Wittgenstein and Anthropology" [Wittgenstein e a Antropologia], que não estava lá, na versão de 1998 do ensaio. Mais que comédia, e seguindo Cavell, podemos chamar essa adição de um clima Emerson. A adição a que me refiro é, brevemente, a expressão de admiração de Veena para o ensaio de 2005 de Cavell "Fred Astaire afirma o direito de louvar". Talvez fosse necessária uma indiana, mergulhada em Bollywood, que pudesse ser genuinamente afetada pela apreciação filosófica aparentemente mundana da canção e dança cinematográficas.

No espírito de Emerson, a comédia pode ser mortalmente séria, como é o caso da ênfase de Cavell sobre o significado político da dança quase enlouquecida de Fred Astaire com um menino engraxate negro, copiando seus movimentos e tornando-os seus próprios, não como uma "apropriação da cultura negra", mas antes, conforme cita Das em *Textures*:

²¹ *Ibidem*, p. 305.

²² DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 83.

“A dança de louvor de Astaire deve ser entendida especificamente como essa dolorosa e mortal ironia do louvor branco à cultura negra, de cujos termos mesmos de louvor ele se apropriou até ser ser climaticamente tocado pela loucura em sua participação na cena”.²³

Em outras palavras, mais do que apropriação, Cavell sustenta que Astaire expressa uma forma de gratidão que faz “a democracia parcial da América mais feliz ou mais animada do que ela poderia ser”.²⁴ Podemos tomar isso como a *bija* (ou semente), por exemplo, do casamento de Kuldip e Saba em um capítulo à frente, e a questão do que pode significar o casamento de um hindu e uma muçulmana, enquanto mantendo um senso de si próprio.

É fácil descartar a alegria, como Cavell variadamente nos mostra em relação a Emerson, mas não para falar de modo leve, como espero ter indicado, ao enfatizar essa nova abertura em *Textures*. Eu desempenhei algum papel nisso, disse ele, modestamente. Cito uma linha do meu próprio livro de 2015, *Poverty and the quest for life*, no qual argumento que um modo de ser mais atento à “qualidade de vida” é ser aberto aos diversos humores e limiares da vida. Aqui está uma frase desse livro que permanece cara para mim: “Estranhamente, no meu recôndito acadêmico, tal é a visão da vida (ou é apenas um modo de simular *gravitas*?) que por enquanto torna mais difícil provocar um sorriso do que confirmar uma catástrofe global. Que espíritos nos possuem?”²⁵.

Dito isso, feliz ou infelizmente, agora em meus quarenta anos, tendo vivido um pouco mais, sou ingenuamente menos alegre e estou me preparando para escrever um livro pesado e sombrio. Então, talvez agora Veena e eu possamos trocar de lugar, ela pode escrever comédias; eu escreverei tragédias. E aqui eu paro com a bela última frase de *Textures*: “Deveria o pensamento parar por aqui?”.

²³ DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020, p. 41.

²⁴ *Ibidem*, p. 42.

²⁵ SINGH, Bhriqupati. *Poverty and the quest for life: spiritual and material striving in rural India*. Chicago: University of Chicago Press, 2015b, p. 62.

Bibliografia

DAS, Veena, *Affliction: Health, Disease, Poverty*. New York: Fordham University Press, 2015.

DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1998 [1995].

DAS, Veena. *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DAS, Veena. *Structure and Cognition: Aspects of Hindu Caste and Ritual*. New Delhi: Oxford University Press, 1995 [1977].

DAS, Veena. *Textures of the Ordinary: Doing Anthropology after Wittgenstein*. New York: Fordham University Press, 2020.

KANT, Immanuel. *Towards perpetual peace and other writings on politics, peace and history*. Transcription David Colclasure. New Haven: Yale University Press, 2006.

SINGH, Bhriqupati. Conceptual Vita. In: CHATTERJI, Roma (ed.). *Wording the World: Veena Das and Scenes of Inheritance*. New York: Fordham University Press, 2015a.

SINGH, Bhriqupati. *Poverty and the quest for life: spiritual and material striving in rural India*. Chicago: University of Chicago Press, 2015b.